



HAL
open science

Império das imagens e fluidez das identificações

Julio Cesar Lemes de Castro

► **To cite this version:**

| Julio Cesar Lemes de Castro. Império das imagens e fluidez das identificações. 2015. hal-03225769

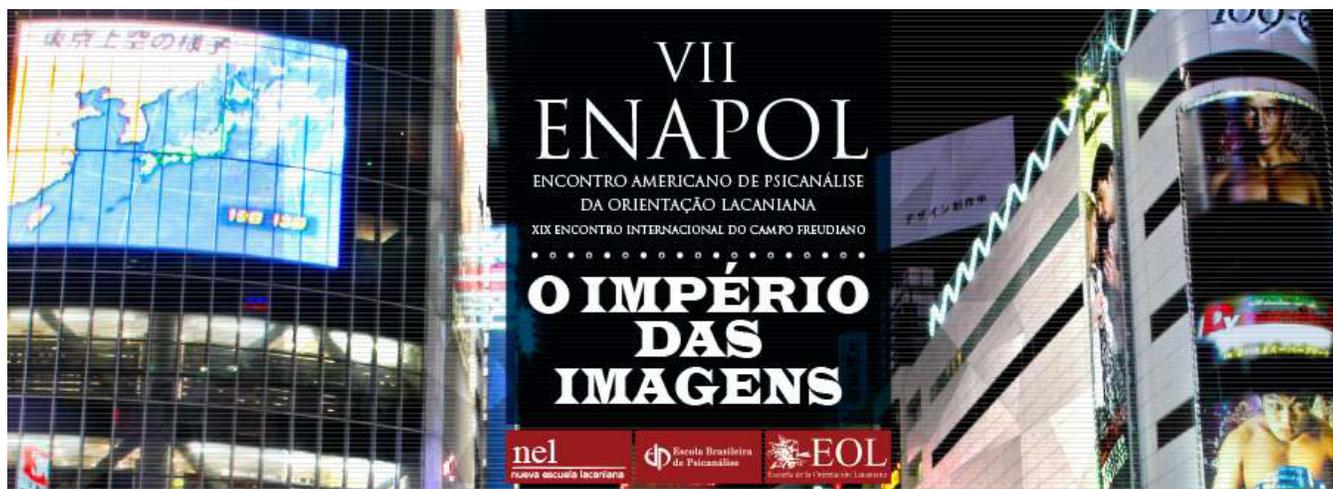
HAL Id: hal-03225769

<https://hal.science/hal-03225769>

Submitted on 13 May 2021

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



⌕ Previous Next ⌕

收 圖 冊

ε BLOG

ε INSCRIÇÃO

ε ARGUMENTO

ε PROGRAMA DO VII ENAPOL

ε NOSSOS CONVIDADOS

ε EXOS TEMÁTICOS

ε AS CONVERSÇÕES

ε APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

ε BOLETIM

ε TEXTOS

ε PUBLICAÇÕES

ε BIBLIOGRAFIA

ε ATIVIDADES PREPARATÓRIAS

ε EVENTOS SATÉLITES

ε LOCAL

ε HOSPEDAGEM E TURISMO

ε CONHEÇA SÃO PAULO

ε FOTOS

ε COMISSÃO ORGANIZADORA

ε ENCONTROS ANTERIORES

ε LIVRARIA

ε PATROCINADORES

Império das imagens e fluidez das identificações – Julio Cesar Lemes de Castro

A partir de Freud, Lacan estabelece uma distinção entre o eu ideal – i(a) – e o ideal do eu – I(A). O primeiro, cujo exemplar inaugural é a imagem do corpo no espelho, consiste na matriz de identificação primária. O segundo, que aparece embrionariamente como a instância que referenda para a criança sua imagem especular como objeto do desejo do Outro, consiste na matriz de identificação secundária. O eu ideal, efeito da projeção imaginária, corresponde à imagem idealizada de si. Já o ideal do eu, resultado da introjeção simbólica, é o modelo que serve de parâmetro a essa idealização, desdobrando-se no supereu, que lhe acrescenta o poder de sanção garantidor do cumprimento da norma.

O regime de poder característico da modernidade é exercido, conforme a análise de Foucault (1975), no interior das diferentes instituições disciplinares – a fábrica, a escola, o quartel, o hospital, a prisão. Podemos dizer que cada uma dessas instituições valoriza um certo tipo de ideal do eu, acoplado a um supereu repressivo que zela pela adesão aos padrões normativos. A relativa homogeneidade desses modelos de identificação é perfeitamente compatível com o individualismo moderno, pois cada um, tomado individualmente, procura adequar seu eu ideal a esses modelos.

O arcabouço simbólico da sociedade disciplinar é complementado assim pela ascensão do imaginário moderno, situada a grosso modo entre o século XV – “zênite imaginário do homem moderno” (Lacan, 1949/1966, p. 97) – e o século XVII – “aurora da era histórica do eu” (Lacan, 1953/1966, p. 283). Na passagem do século XIX para o século XX, o imaginário moderno ganha um novo impulso, em função da expansão do consumo de massa e dos meios de comunicação de massa. Aqui, a construção do eu ideal continua tendo como parâmetro um repertório limitado de tipos de ideal do eu. Mas esse ideal do eu está acoplado a um supereu que já não é a mesma instância repressiva das instituições disciplinares, ainda que se entrelace com esta e seja em alguma medida por ela limitado.

Historicamente, a proliferação das imagens tem um efeito cumulativo, levando ao desgaste gradativo das referências simbólicas. Esse processo chega a um ponto de virada, no qual se reconhece claramente a prevalência das imagens, por volta dos anos 60, quando Debord (1967/1987) propõe sua caracterização da sociedade do espetáculo. A inflação do imaginário em detrimento das referências simbólicas articula-se à injunção superegógica do gozo, que, como detecta Lacan (1972-1973/1975, p. 10), se torna dominante na sociedade contemporânea: “O supereu é o imperativo do gozo: Goza!” A valorização das imagens viabiliza a injunção de gozar porque, através delas, se tem a impressão de que essa injunção está sendo cumprida – ou seja, o imaginário constitui o canal de transgressão socialmente tolerável que permite o exercício constante do imperativo do gozo.

Com o declínio do supereu repressivo que acompanha a escalada do imaginário, a sociedade disciplinar examinada por Foucault dá lugar à sociedade de controle e vislumbrada por Deleuze (1990/2003). Assim, o “império”, o edifício de poder contemporâneo descrito por Hardt e Negri (2000), que ilustra o funcionamento da sociedade de controle e é citado por Miller (2002/2011) em “Intuições milanesas”, poderia ser entendido como “império das imagens” – o paradigma do espetáculo é condição do paradigma de controle.

Na medida em que na sociedade de controle o ideal do eu está acoplado a um supereu que ordena o gozo, enquanto o efeito normatizador do supereu repressivo se eclipsa, nela se torna possível a multiplicação dos modelos simbólicos de identificação. Do ponto de vista econômico, essa transição corresponde à passagem do regime de acumulação fordista, caracterizado pela produção



e pelo consumo em massa, ao pós-fordista, caracterizado pela produção e pelo consumo flexíveis, que requerem uma identidade mais fluida. Também o funcionamento da psicologia de massas se modifica: em lugar do líder que dá coesão à massa em Freud (1921/1967), temos a fragmentação de lideranças e de investimentos libidinais presente nas mobilizações em rede contemporâneas.

À maior latitude do ideal do eu corresponde a plasticidade do eu ideal, que não precisa mais se adequar a moldes preestabelecidos, mas pode modular-se de acordo com as circunstâncias. Amplia-se a margem social de manobra do investimento narcísico, pois cabe a cada um promover seu capital humano, segundo a fórmula do empreendedorismo de si que distingue o sujeito neoliberal, para Foucault (1978-1979/2004), e que abrange os mecanismos de apresentação de si na vida cotidiana descritos por Goffman (1956/1959).

Isso pode ser constatado especialmente em certas esferas. Longe de subordinar-se a necessidades materiais, o consumo aparece cada vez mais como espaço privilegiado da construção de identidade, sobretudo na medida em que fornece ferramentas para o cultivo da imagem de si. Na Internet, a promoção da imagem pessoal evolui dos fóruns e chats para as páginas pessoais e daí para os blogs, até chegar às redes sociais como o Facebook, instrumento por excelência para essa finalidade. Nesses contextos, a imagem que cada um procura projetar de si funciona como a imagem especular: trata-se de algo perfeito, completo, do qual se omite a falta. Circunscrevendo de forma bastante maleável as identificações imaginárias, o Outro aparece como referência onipresente, mas à semelhança do "pai que diz sim", não do "pai que diz não"; não por acaso, o Facebook disponibiliza um link para "curtir", mas não há um recurso para manifestar reprovação.

Referências

DEBORD, Guy (1967). **La société du spectacle**. Paris: Gérard Lebovici, 1987.

DELEUZE, Gilles (1990). Post-scriptum sur les sociétés de contrôle. In: **Pourparlers**: 1972-1990. Paris: Minuit, 2003. p. 240-247.

FOUCAULT, Michel. **Surveiller et punir**: naissance de la prison. Paris: Gallimard, 1975.

FOUCAULT, Michel (1978-1979). **Naissance de la biopolitique**: cours au Collège de France, 1978-1979. Paris: Gallimard/Seuil, 2004.

FREUD, Sigmund (1921). Massenpsychologie und Ich-Analyse. In: **Gesammelte Werke, dreizehnter Band**: Jenseits des Lustprinzips / Massenpsychologie und Ich-Analyse / Das Ich und das Es. 5. Aufl. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1967. p. 71-161.

GOFFMAN, Erving (1956). **The presentation of self in everyday life**. rev. ed. New York: Anchor Books, 1959.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Empire**. Cambridge (MA) and London: Harvard University Press, 2000.

LACAN, Jacques (1949). Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je. In: **Écrits**. Paris: Seuil, 1966. p. 93-100.

LACAN, Jacques (1953). Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. In: **Écrits**. Paris: Seuil, 1966. p. 237-322.

LACAN, Jacques (1972-1973). **Le séminaire, livre XX**: encore. Paris: Seuil, 1975.

MILLER, Jacques-Alain (2002). Intuições milanesas. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. **Opção Lacaniana** online nova série, nº 5, julho de 2011.

Comments are closed.

VII : O IMPÉRIO
ENAPOL : DAS
IMAGENS

